



Análise Psicanalítica do Discurso Lacaniana: Fundamentação Epistemológica, Teórica e Metodológica

Psychoanalytic Analysis of Lacanian Discourse: Epistemological, Theoretical and Methodological Foundations

Rafaella Cristina Campos¹

Marcelo Antonio Lopes²

Recebimento: 20 de outubro de 2020

Aprovação: 3 de maio de 2021

Publicação: 23 de setembro de 2021

Resumo: Objetiva-se, por meio de um *corpus* teórico, propor a análise psicanalítica de discurso como recurso qualitativo de investigação dentro das ciências sociais aplicadas. Faz-se necessário o resgate de Hegel, Saussure, Lévi-Strauss, Freud, Politzer, Popper, Althusser, Foucault e Pêcheux para pensar os conceitos que Lacan considera para uma análise discursiva. A análise psicanalítica de discurso lacaniana é, então, uma proposta de conduta e não meramente um recurso teórico-metodológico. Os esforços na construção de um trabalho com essa abordagem qualitativa são: o vasto repertório lacaniano, as pontes construídas ou em construção das interfaces entre epistemologia e fenômeno na área das ciências sociais aplicadas (desafio da interdisciplinaridade) e a maturidade da psicanálise dentro da administração e dos pesquisadores diante da psicanálise.

Palavras-Chave: Psicanálise; Análise de Discurso; Epistemologia.

Abstract: The objective, through a theoretical corpus, is to propose psychoanalytic discourse analysis as a qualitative research resource within the applied social sciences. It is necessary to rescue Hegel, Saussure, Lévi-Strauss, Freud, Politzer, Popper, Althusser, Foucault and Pêcheux to think about the concepts that Lacan considers for a discursive analysis. The psychoanalytic analysis of Lacan's discourse is therefore a proposal for conduct, and not merely a theoretical-methodological resource. The efforts in the construction of a work with this qualitative approach are: the vast Lacanian repertoire, the bridges built or under construction of the interfaces between epistemology

¹ Doutoranda na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Mestre em Administração pela UFLA. Psicóloga Bacharel pelo Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS). Professora na Faculdade Presbiteriana Gammon (FAGAMMON) e no UNILAVRAS. E-mail: rafaella_ccampos@hotmail.com.

² Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS). E-mail: lopes.marceloantonio@gmail.com.

and phenomenon in the area of applied social sciences (challenge of interdisciplinarity) and the maturity of psychoanalysis within administration and of researchers in the face of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Discourse Analysis; Epistemology.

1. Considerações iniciais

A obra de Jacques Lacan (1901-1981) caracteriza-se por uma revisitação a Sigmund Freud, buscando a compreensão de uma psicanálise livre da metapsicologia. Além disso, foca nas preocupações e propostas de investigação do sujeito e da fala por meio do distanciamento das instâncias mentais como pertencentes à psique. Essas seriam, então, manifestas nas relações humanas e no discurso, sendo partes operantes da construção e da concepção subjetiva dos indivíduos.

É a partir da busca pela compreensão da fala que Lacan cunha, ao longo de sua obra, o conceito lacaniano de discurso. Mesmo com acepções e propostas de doutrinas diferentes, em toda a psicanálise lacaniana o discurso tem a máxima da perspectiva materialista do sujeito e da linguagem, inspirada nas obras de outros autores de destaque, como Marx, Politzer, Foucault, Althusser e Pêcheux (Mariani & Magalhães, 2015).

Em um cenário de Guerra Fria, no qual imperavam a incerteza e a tensão, nota-se que a linguagem manifestava um acontecimento de ordem coletiva e que permitiu o surgimento de um movimento de resistência, mesmo que sutil e inicialmente silenciado. Em outras palavras, houve a percepção de que a linguagem era mais do que composição gramatical e homogênea; era também – senão principalmente – propulsora de mudanças e heterogenia, dada a multiplicidade de sujeitos e, consequentemente, a multiplicidade de discursos.

Consolidou-se, nesse período, a noção de que a linguagem não só manifesta um contexto sociocultural, mas também as subjetividades individualizadas que compõem a coletividade. Inaugurou-se, portanto, a noção de discurso como ação e não meramente como estrutura textual e gramatical (Courtine & Marandin, 1981).

Sendo assim, resgatando a concepção de linguagem e discurso, a psicanálise proposta por Lacan (1959) é também uma conduta ética, ou seja, não é só definida como método ou teoria, mas como norma de conduta analítica. É importada para uma proposta de análise prático-discursiva, tendo

como práticas o método clínico, o método de investigação e a ética discursiva (Dunker, Paulon, & Milán-Ramos, 2016).

Nesse sentido, é então possível compreender a psicanálise como um artefato de investigação que extrapola o foco exclusivamente clínico, sendo viável a sua importação para o contexto das ciências sociais aplicadas, em específico, da administração. Assim como a administração é uma ciência multidisciplinar que se inspira em diversas fontes e correntes teóricas, a psicanálise também apresenta possibilidades de interfaces que interagem com outras áreas, tais como os próprios estudos discursivos (Costa, 2008).

Se tanto a administração, a psicanálise e o discurso são plurais em sua episteme e impassíveis de enquadramento ontológico estrito em uma área, questiona-se: como é possível pensar na psicanálise como análise discursiva em contextos das ciências sociais aplicadas? Diante desse questionamento, objetiva-se, por meio de um *corpus* teórico, propor a análise psicanalítica de discurso como recurso qualitativo de investigação dentro das ciências sociais aplicadas.

A análise psicanalítica de discurso já é clássica em estudos de casos clínicos, uma vez que, para Lacan (1959), o discurso é a forma materializada de compreensão e acesso ao inconsciente e suas manifestações. Logo, é de extrema relevância a investigação da fala e de sua omissão (o silêncio) para compreender a construção subjetiva de um indivíduo.

Lacan (1959) afirma que a psicanálise é uma ética, isto é, guia não só a instrumentalização da análise do discurso, mas também a conduta que o analista tem perante o analisando e a responsabilidade em relação à fala que este profere. Se transportarmos essas colocações de Lacan para o contexto das ciências sociais aplicadas, entraremos na compreensão ontológica e epistemológica da construção de uma pesquisa vinculada à análise de discurso (doravante AD).

A AD tem sido utilizada em diversos estudos nas ciências sociais aplicadas somente como recurso metodológico, focando nas análises dos dados coletados, sendo por vezes instrumentalizada como análise de conteúdo de forma equivocada (Rocha & Deusdará, 2005; Rodrigues & Dellagnelo, 2013). Já a psicanálise, por vezes, aparece como construção conceitual sem recorte apropriado, em que os conceitos freudianos ou lacanianos são isoladamente considerados.

Os trabalhos de Freud e de Lacan têm uma característica comum: em nenhum deles os conceitos são definidos objetivamente; o que ambos fazem é discorrer sobre estes ao longo de um livro ou de toda a obra. Sendo assim, a opção por considerar a psicanálise em uma pesquisa acadêmica faz com que a estética da escrita seja discursiva e discutida e não uma busca de definições e enquadramentos conceituais (Dunker *et al.*, 2016).

Portanto, quando se considera a psicanálise dentro de uma pesquisa acadêmica, faz-se necessário o recorte teórico, metodológico e epistemológico, que poucas vezes é evidenciado. Além disso, há o equívoco de transportar para o momento de coleta e de tratamento de dados um contexto clínico de análise com *setting* não próprio, infringindo a episteme da psicanálise da ética no tratamento com o concedente da pesquisa, que está sujeito a uma análise clínica sem concessão e também sem ciência de tal. Por vezes, o pesquisador, ao se colocar em posição de analista sem a devida preparação, compromete a psicanálise como ética e, conseqüentemente, a qualidade da pesquisa.

Na busca por uma análise psicanalítica de discurso dentro das ciências sociais aplicadas, faz-se necessário resgatar a historicidade da psicanálise lacaniana que permite a sua perspectiva como análise discursiva. Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016) propõem em seu livro a análise psicanalítica do discurso. O presente artigo utiliza essa obra como alicerce para ancorar sua proposta às ciências sociais aplicadas.

2. Resgate histórico: em busca da análise psicanalítica de discurso lacaniana

Antes de apresentarmos Lacan, seu legado e a proposta de uma análise psicanalítica do discurso, é necessário resgatar os conceitos principais de sua obra e que contribuirão diretamente para a episteme teórico-metodológica. Para tanto, é preciso igualmente revisitar os autores que dialogam com o trabalho lacaniano.

Com uma construção extensa de proposta ética da psicanálise, há várias obras e autores que contribuíram para o legado lacaniano. O retorno a essas obras auxiliou Lacan a postular uma

psicanálise revisitada. Ao contrário do que se pensa, ele não rompeu com Freud, mas com estudiosos freudianos de sua época.

Lacan então recorre a Hegel para pensar o sujeito refletido por Kojève. Hegel (1807), ao embasar sua obra em Kant e na Crítica da Razão Pura e se aproximando de Spinoza, busca romper com o estado natural humano e propõe o método dialético, em que há participação do sujeito dentro de sua condição. Pressupõe-se que, a partir da dialética, o sujeito tem atitude de negação ao seu estado natural. Dessa forma, o sujeito é resultante de mudanças, como também as propõe, portanto, deixa de ser passivo-fictício e meramente reflexivo de sua história e passa a ser ativo (Torres, 2004; Arantes, 1995).

A noção de um sujeito ativo e interlocutor permite a Lacan, sobretudo a partir dos anos 1950, compreendê-lo como parte de um movimento e não mais apenas como algo estático e/ou influenciável, determinado em sua história ou somente consequência dela. Lacan não faz uma definição pontual do que considera “sujeito”, seja analítico ou investigativo, mas por toda sua obra nota-se o resgate dos estudos de língua-fala. Considera-se que, assim como o Estado e a linguagem influenciam o sujeito, este também o faz diante do governo e da língua. Talvez por essa razão os estudos de análise discursiva emergem em sociedades em momentos de conflito ou de (tentativas de) rompimento com as hegemonias (Mariani & Magalhães, 2015).

Da mesma forma que Lacan resgata de Hegel o conceito de sujeito, de Saussure ele aproveita o conceito de linguagem. A fala é destacada como algo subjetivo e individualizado e o sujeito como fundamental na conferência de significado ao discurso. Saussure, ao propor a separação entre língua e fala, separou o sujeito do contexto social, na tentativa de compreender a linguagem, quebrando a necessidade da busca de paradigmas e frequências de repetição linguística, como antes a Psicologia, a Filosofia e outras áreas buscavam. Saussure inaugurou a ideia de que o sujeito que comunica é preponderante na fala (Vicenzi, 2009).

Inaugura-se, assim, a compreensão da materialidade linguístico-discursiva, ou seja, entende-se por inconsciente o que perpassa as interações e relações humanas, portanto, o discurso (Dunker *et al.*, 2016). O inconsciente deixa de ser visto como instância psíquica e passa a ser entendido como

ação materializada na fala e na língua; essa noção de inconsciente antropológico é cunhada por Lévi-Strauss.

Partindo dos pressupostos da antropologia estruturalista e de seus estudos com indígenas, Lévi-Strauss identifica que os signos vão passar, dentro de uma cultura específica, significantes comuns a todos os seus integrantes. No entanto, há que se interagir, integrar e socializar, algo que vai além das normas explícitas da comunidade e que vai reger fortemente a cultura do grupo, bem como as individualidades e as microrrelações (Souza, 2008).

Lacan, ao resgatar a obra “O Cru e o Cozido”, de Lévi-Strauss (1964), percebe que o autor trata de um inconsciente que não é psíquico, mas relacional, antropológico. O sujeito deixa de ser mero resultado de sua sociedade e passa a ser atuante na construção coletiva. O inconsciente, então, é considerado como energia motriz das interações humanas e não mais uma instância pertencente a um lugar da mente (Lacan, 1999).

Nesse sentido, a noção de inconsciente antropológico diferencia-se da proposta freudiana da metapsicologia (1914-1916), na qual o inconsciente é considerado pertencente à estrutura psíquica de um indivíduo, com processos passíveis de serem mapeados. Dessa forma, em toda a obra de Freud, que serve de referência para o movimento estrutural social e psíquico do indivíduo, resgatou-se o que veio a ser a aproximação com o conceito de sujeito que mais tarde Lacan viria a cunhar (Barroso, 2012).

Além da aproximação com o conceito de sujeito, Lacan resgata Freud para compreender o discurso. Freud inaugura a perspectiva de simbiose da fala-sujeito. Para ele, o discurso e, portanto, a fala, era a forma de contato com o sintoma e o processo analítico, que ocorre por meio da análise da fala e é o que permite acesso ao que ele chamava de aparelho psíquico; esse acesso é o que permite a ressignificação do sintoma e, conseqüentemente, a cura. Para Lacan, a fala é aquilo que manifesta uma falta, ou seja, um “manifesto de falta”, uma vez que sempre haverá manifestação em excesso ou em falta. É por meio dessa manifestação que se tem acesso à psique humana e não à sua manifestação fotográfica (Lacan, 1971).

Vale destacar que o acesso ao discurso significa o acesso não apenas ao que é dito, mas também ao não dito. Buscando romper com o “misticismo” da metapsicologia, Politzer (1935-1936)

propõe a investigação da compreensão da psique humana, com o papel prioritário do analista, passando a considerar com maior peso e importância a materialidade do discurso perante o acesso à fala.

Portanto, a manifestação e a interpretação do inconsciente se dão de forma subjetiva e o discurso passa a ser o modo concreto de acesso a esse inconsciente, que, de acordo com Politzer, antes era encoberto pelo misticismo da metapsicologia (Dunker *et al.*, 2016; Marçal, 2013).

Nesse sentido, o discurso passa a ocupar uma centralidade na interpretação/análise do inconsciente. Quando Lacan buscou em Saussure uma nova perspectiva da linguagem, identificou que tanto o homem faz uso da díade língua-fala como a díade faz uso do homem, de modo que a autonomia e o controle diante do discurso são frágeis. Não haveria como pensar em psicanálise como ciência. Então, baseado em Popper (1934), Lacan pensa a psicanálise como um movimento contínuo e conjunto entre analista e analisando, que busca a compreensão do inconsciente por meio do discurso com uma conduta guiada, não focada no enrijecimento e nas definições de técnicas, mas sim no efeito que o discurso causa em *setting* analítico tanto no analista quanto no analisando (Lacan, 1971).

Assim como Popper, Althusser (1970) inspira Lacan a pensar a coexistência e a cooperação entre sujeito e discurso. Para Lacan, a ideologia passa a ser vista como uma relação simbiótica e não mais exclusivamente ditatorial. Foucault auxilia nessa compreensão ao pensar o poder de forma relacional e interativa.

Para Lacan, a própria condição em que o poder e o sujeito estão vai determinar a manifestação do discurso e o seu impacto. Isso significa que o discurso é dependente da posição em que o enunciado é proferido, bem como de onde é percebido. Sendo assim, não só as posições do analista e do analisando são relevantes na busca pela interpretação do discurso, mas importa também, senão principalmente, como cada um desses se percebe e se coloca diante da fala-língua do outro (Lacan, 1968:1969).

Retomando a discussão, constata-se que, até então, Lacan caminhava para a investigação de um sujeito de inconsciente constituído e manifesto no discurso, que o utilizava na mesma proporção em que era usado, rompendo com a assujeitamento pragmática do indivíduo frente ao contexto. Isso não

é resultado exclusivamente de estudos bibliográficos, reflexivos e filosóficos, é também uma resposta aos movimentos governamentais e sociais da época de sua escrita.

Na França, iniciava-se a busca pela compreensão do cerne do sujeito e de seu inconsciente por meio do discurso. Foi nesse contexto – entre outros – que surgiu a Análise de Discurso (AD). A AD tem vários representantes e várias ramificações, sendo composta pela pluralidade da mesma forma que outras abordagens relativas ao homem e ao discurso. Para o presente artigo, cujo foco é o resgate feito por Lacan, destaca-se a contribuição de Michel Pêcheux.

Mesmo que Pêcheux (1988) não tenha se dedicado diretamente a compreender o sujeito, ele o fez alicerçando sua perspectiva de AD no materialismo histórico de Marx. Dessa forma, Pêcheux buscou evidências no contexto da vida física para propor uma análise discursiva inspirada na linguística de Saussure, cujas preocupações são o significante e o sentido gerado no discurso e não sua composição gramatical. Pêcheux também realiza uma troca simbiótica com a psicanálise de Lacan, que é considerada a peculiaridade da elaboração discursiva do sujeito, bem como o efeito da fala diante da posição-sujeito (Santos, 2015).

Lacan busca em Pêcheux a inspiração para elaborar uma AD aplicada ao contexto clínico. A influência de Pêcheux em sua obra é evidenciada na maior preocupação de Lacan com o estilo da fala do que com a estrutura formal do contexto social.

Mesmo sem cunhar uma análise psicanalítica de discurso, Lacan, em seu contexto de analista e com acesso ao sujeito em papel clínico, vai então dizer que Freud foi mal interpretado pelos colegas analistas de sua época. Ele resgata não só Freud, mas também suas inspirações, procurando compor sua reinterpretação da psicanálise freudiana. No Quadro 1, abaixo, buscamos sintetizar o caminho epistemológico traçado na busca da compreensão do pensamento lacaniano acerca do discurso.

Quadro 1: Exposição do Resgate Epistemológico de Lacan na Busca pela Compreensão do Discurso.

Escritor	Proposta Central	Desdobramentos	Repercussão na Psicanálise Laciana		
© Revista SCRIBES	Viçosa, MG	v. 2	n. 1	Jan. – Jun. /2021	ISSN 2675-4401

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831)	Método Dialético.	Tese, antítese e síntese seria o movimento cíclico e constante de reinterpretação da linguagem.	O sujeito no movimento dialético é “reformulado”, sendo assim, não é meramente resultado do aparelho estatal.
Ferdinand de Saussure (1857-1913)	Semiologia e Linguística.	O significante determina algo no mundo, apreende-o por meio de uma topologia e pela repetição.	Destaque ao sentido da linguagem por meio do significante e não da ordem gramatical.
Claude Lévi-Strauss (1908-2009)	Antropologia Estruturalista.	Quebra da noção de “inconsciente” como instância psíquica. Rompimento com a noção de sujeito da estrutura.	O “inconsciente” passa a ser investigado como algo que perpassa as interações humanas, sendo, então, construído e não constitutivo.
Sigmund Freud (1856-1939)	Método Estrutural da Psicanálise.	O sentido deriva de processos inconscientes e o discurso transforma o latente em manifesto, passando o símbolo de ordem operatória para subjetivado.	O discurso é o acesso mais fidedigno ao sintoma. A linguagem permite o processo de ressignificação da fala e do sujeito.
Georges Politzer (1903-1942)	Psicologia Concreta.	Crítica à Metapsicologia de Freud. Há afastamento da busca pela investigação de processos mentais para busca da compreensão por meio do relato do sujeito.	Abandona a mistificação, busca do rigor científico de investigação, foco na vida física e atividades humanas como proposta de estudo.
Karl Raimund Popper (1902-1994)	Racionalismo Crítico.	Refuta a demasiada confiabilidade no estudo psicanalítico, nele há baixo	Cunho da psicanálise como ética, já que não atende aos requisitos

		poder de previsibilidade e não deixa claro as limitações e veto proibitivo.	de científicidades preestabelecidos.
Louis Althusser (1918-1990)	Crítica da Ideologia.	A “luta de classes” da obra de Marx dá espaço à importância da “força material das ideias”. O discurso como materialização da subjetividade.	A ideologia é uma relação imaginária, materializada no discurso e não meramente imposta, mas simbiótica.
Michel Foucault (1926-1984)	Arqueologia do Saber.	O conceito, o sujeito e a linguística não estão presos a uma disciplina. São formados e reformulados por meio da série enunciativa. Discurso é parte intermitente entre linguagem e ideologia,	Contribuição focada em um esquema interpretativo da AD. Rompimento com o formalismo linguístico. Início do cunho de “posição sujeito”.
Michel Pêcheux (1938-1983)	Análise de Discurso.	um operacionalizando no outro, quebrando a dominância estatal exacerbada.	Destaque ao estudo extradiscursivo.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Para Lacan, o discurso evidenciou-se na clínica psicanalítica das neuroses pelas evidências das observações de Freud, em que contatava o sintoma, na concomitância de ausência e presença de sentido e significante presentes no discurso que eram identificados como característica forte de pacientes neuróticos. Sendo assim, Lacan fortalece a importância e a complexidade da busca pela interpretação do discurso focando no estilo da fala, que, para ele, era carregada de efeito tanto pelo analisando quanto pelo analista, com figuras de linguagem presentes, tais como a metonímia e a metáfora (Dunker *et al.*, 2016; Mariani & Magalhães, 2015).

Compreender o discurso é uma tarefa árdua para Lacan. O discurso sempre será manifesto em falta ou em excesso, sendo, então, uma camada das muitas que compõem o inconsciente do sujeito. Além disso, a revisão acerca da materialidade do discurso permite outras interpretações e isso por si só já é uma evidência de que a AD é circunstancial e construída, bem como o sujeito e o discurso (Bernardes, 2010).

Mas então como é possível falar de uma análise psicanalítica do discurso lacaniana? Para Lacan, a essência da interpretação do discurso está no desejo manifesto na fala. Lacan desenvolve o grafo do desejo, em que busca demonstrar que, em uma análise discursiva, o desejo busca a completude de uma falta. Em virtude da condição humana de falta, esta será sempre uma busca, nunca uma conquista; então, da mesma forma que o discurso é movido por um desejo que nunca será completamente satisfeito, sua análise e compreensão também nunca o serão. Para Lacan, o esforço da busca pela compreensão do sujeito diante do discurso em si só já é vastamente complexo, considerando-se esta investigação no tocante ao discurso e ao sujeito (Lacan, 2002).

3. Considerações finais

Neste artigo, objetivou-se, por meio de um *corpus* teórico, propor a análise psicanalítica de discurso como recurso qualitativo de investigação dentro das ciências sociais aplicadas.

A proposta de uma análise psicanalítica de discurso consiste no cunho de todos os conceitos trabalhados anteriormente, não só no tratamento dos dados, mas também na construção do *corpus* teórico de um trabalho que opta pela perspectiva lacaniana. Quando pensamos no contexto das pesquisas em ciências sociais aplicadas, foi destacado que tanto a AD quanto a psicanálise vêm emergindo com plausibilidade, no entanto, podem ser aderidas de forma equivocada nos estudos. Destaca-se a importância de pensar inclusive a instrumentalização da pesquisa que opta por esse caminho qualitativo e denso. As formas de acesso ao discurso são descritas acima com destaque à fragilidade, então, a atenção ao trato dos dados é redobrada.

Com o *corpus* vasto e denso, a AD, a psicanálise e o fenômeno focal de um estudo em ciências sociais aplicadas demandam alinhamento conceitual profundo, o que é um desafio dada a vastidão da escrita de Lacan.

A análise psicanalítica de discurso dentro das ciências sociais aplicadas deseja destaque à subjetividade, às vozes intradiscursivas, às quais tanto o dito quanto o não dito fazem referência. Nota-se que, apesar de os estudos da administração terem em Lacan uma abordagem recente e crescente, os autores que influenciam sua obra estão no contexto das ciências sociais aplicadas já há algum tempo, o que comprova a aderência da psicanálise lacaniana à administração.

O lugar da psicanálise, da AD e, portanto, da análise psicanalítica de discurso dentro das pesquisas em ciências sociais aplicadas ainda é nebuloso, porque mesmo com a epistemologia dessas áreas alicerçadas à interdisciplinaridade, a intercessão entre as áreas e fenômenos da administração tem tendência de polarização, então construir pontes é um desafio que necessita de resgate teórico ou até mesmo da audácia da criação dessas pontes sem um alicerce sedimentado (Arnaud & Vidaillet, 2017).

Há também a antiga – e talvez improdutivo – discussão entre os impactos de pesquisas quantitativas e qualitativas. O rigor exigido na conduta e no tratamento dos dados a um pesquisador de abordagem qualitativa é tão grande quanto na abordagem quantitativa. Seja em posição de pesquisador ou, dependendo do fenômeno, como pertencente ao universo investigado, ser pesquisador com abordagem psicanalítica de investigação e ao mesmo tempo se privar da posição de analista clínico, sendo-o ou não, é de extrema importância, relevância e necessidade. Talvez a emersão que há da psicanálise nas pesquisas em administração é para romper com a predominância das pesquisas quantitativas. A psicanálise dentro do contexto da administração manifesta-se como descrito acima: além de um recurso metodológico de pesquisa, é também uma manifestação cultural e social em busca de rompimento com os paradigmas antes impostos, com a hegemonia dos estudos quantitativos.

Como qualquer abordagem acadêmica, a análise psicanalítica de discurso requer rigor no tratamento da condução de uma pesquisa. Uma vez que o pesquisador é parte operante, evidente e necessária na investigação do fenômeno, nota-se, com a discussão anterior, que o seu posicionamento



diante do fenômeno e dos pertencentes a ele deve ser cauteloso. O pesquisador deve fazer parte da pesquisa de forma atuante, mas nunca proferir inferências pessoais. O domínio e o resgate dos conceitos e termos são de extrema importância por essa condição.

Ao abordar a análise psicanalítica de discurso lacaniana, faz-se necessário mobilizar os conceitos da vasta obra de Lacan na busca pela compreensão do fenômeno a ser estudado, mas essa é uma ambição para estudos futuros.

Referências

- Althusser, L. (1970). *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Edições Graal. 2ª edição. 1985.
- Arantes, P. E. (1995). *Hegel no Espelho do Dr. Lacan*. Revista de Psicologia – USP. São Paulo. Vol. 6. nº2. pp. 11-38.
- Arnaud, G.; Vidaillet, B. (2017). *Clinical and Critical: the Lacanian Contribution to Management and Organization Studies*. Organization. SAGE Publications. pp. 1-29.
- Barroso, A. de F. (2012). *Sobre Concepção de Sujeito em Freud e Lacan*. Revista Barbarói. Vol. 1. nº36. pp. 149-159.
- Bernardes, A. C. (2010). *Pesquisa e Psicanálise: Algumas Referências Lacanianas*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 26. n. 1. pp. 35-38.
- Cesário, A. C. C.; Almeida, A. M. C. (2010). *Discurso e Ideologia: Reflexões no Campo do Marxismo Estrutural*. Acta Scientiarum Human e Social Sciences. Vol. 32. N. 1. pp. 1-8.
- Costa, A. (2008). *Litorais da Psicanálise*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ. pp. 26-30.
- Courtine, J.; Marandin, J. (1981). *Qual o Objetivo da Análise do Discurso? In: Conein, Bernard; Courtine, Jean-Jacques; Gadet, Fietsen; Marandin, Jean-Marie; Pêcheux, Michel. Materiais Discursivos*. Editora da Universidade de Lille. pp. 21-33.
- Dunker, C. I. L.; Paulon, Clarice Pimentel & Milán-Ramos, José Guilherme. (2016) *Análise Psicanalítica de Discurso: Perspectivas Lacanianas*. Editora Estação das Letras e Cores. São Paulo-SP. 1ª edição. 319 pgs.
- Freud, S. (1914:1916). *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos*. Companhia das Letras. 1ª edição. 1991. 422 p.



- Hegel, G. W. F. (1807) *Fenomenologia do Espírito*. Tradução Paulo Mendes e Karl-Heinz Efen. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1992.
- Kenny, K. (2009) *Heeding the Stairs: Lacan and Organizational Change*. Journal of Organizational Change Management. Vol.22. n. 2. pp. 214-228.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário: Livro V As Formações do Inconsciente*. Texto Estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro. Editora Zahar. 532 p.
- Lacan, J. (2002). *O Seminário: Livro VI O Desejo e a sua Interpretação*. Texto Estabelecido por Jacques-Alain Miller. Editora Zahar. Paris/França. 2013. 560 p.
- Lacan, J. (1959). *O Seminário: Livro VII Ética e Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1988. 388 p.
- Lacan, J. (1968:1969). *O Seminário: Livro XVI de um Outro para o outro*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1981. 412 p.
- Lacan, J. (1971) *O Seminário: Livro XVIII De um Discurso que não fosse Semblante*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1988. 173 p.
- Lévi-Strauss, C. (1964) *O Cru e o Cozido: Mitológicas*. 1ª edição. Editora Brasiliense. 1991. 225 p.
- Mariani, B. & Magalhães, B. (2015) Lacan. In: *Estudos do Discurso: Perspectivas Teóricas*. Oliveira, Luciano Amaral (Org). Parábola Editorial. Pp. 101-121.
- Marçal, A. C. (2013) *Lacan leitor de Politzer: Elementos Filosóficos em torno da Fundamentação de uma Psicologia Concreta*. Pólemos-Brasília. Vol.2. n. 3. pp. 97-115.
- Marx, K. & Engels, F. (1876). *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. In: Antunes, Ricardo (Org.) *A Dialética do Trabalho*. Tradução: Azevedo Filho, Geraldo Martins. Editora Expressão Popular. São Paulo/SP. Pp. 11-99. 2004.
- Pêcheux, M. (1988). *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Tradução: Orlandi, Eni Pulcinelli. São Paulo/Campinas. Editora Pontes. 2ª edição. 1997.
- Politzer, G. (1935:1936). *Princípios Elementares da Filosofia*. Editora Moraes. 7ª edição. 1986. 103 p.
- Popper, K. R. (1934). *A Lógica da Pesquisa Científica*. Tradução: Leonidas Hegenberg. Editora Cultrix. 1979. 513 p.



-
- Rocha, D. & Deusdará, B. (2005). *Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: Aproximações e Afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. ALEA. Vol.7. n. 2. pp. 305-322.
- Rodrigues, M. S. & Dellagnelo, E. H. L. (2013). *Do discurso e de sua análise: reflexões sobre limites e possibilidades na Ciência da Administração*. Cadernos EBAPE.BR. Vol.11. n. 4. pp. 621-635.
- Santos, S. S. B. (2015). *Pêcheux*. In: *Estudos do Discurso: Perspectivas Teóricas*. Oliveira, Luciano Amaral (Org). Parábola Editorial. pp. 209-233.
- Souza, M. S. C. de. (2008). *Por que a identidade não pode durar*. In: Queiroz, Ruben Caixeta de; Nobre, Renarte Freire. Lévi-Strauss: Leituras Brasileiras. Editora UFMG. 2ª edição. 2013.
- Torres, R. (2004). Lacan e Hegel. *Psicologia – USP*. Vol.15. n. 1. pp. 309-320.